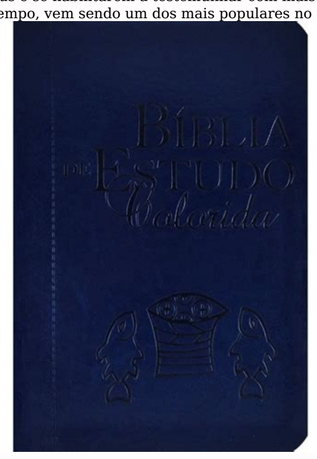
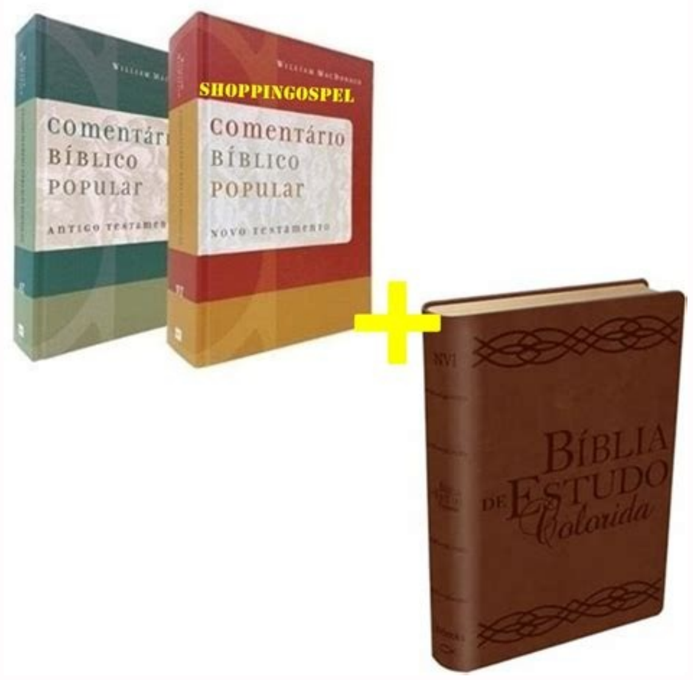
I'm not robot
reCAPTCHA
Continue

Bíblia de estudo colorida pdf download grátis

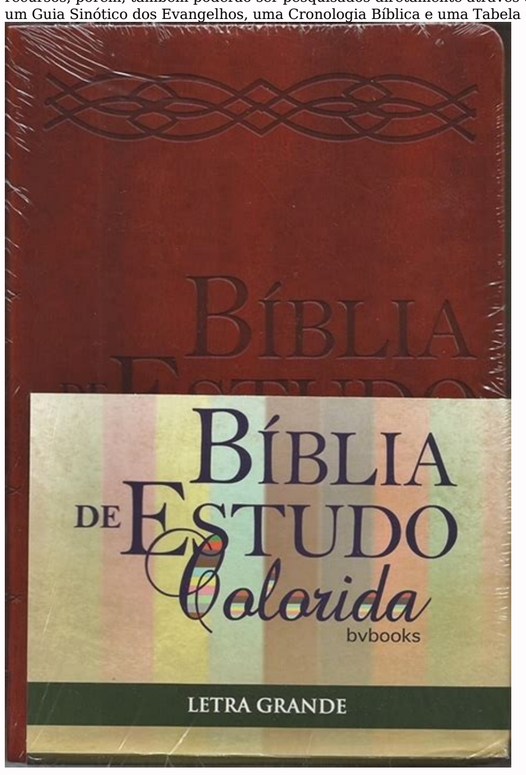
Baixar Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal Baixar Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal pdf Gratis. É a mais vendidas de hoje, a Bíblia de estudo cronológica aplicação pessoal tem mais de 10.000 notas de aplicação para ajudá-lo a entender a mensagem das Escrituras e aplicá-la à sua vida de maneiras práticas. +Veja também: Baixar Bíblia de Jerusalém - PDF!Desenhos de personagens permitem que você aprenda com a vida das principais personalidades da "Bíblia", enquanto gráficos, cronogramas e uma concordância melhoram sua experiência de estudo. devomivufu.pdf Esta Bíblia de estudo é cheia de diretrizes de "estudo" para ajudá-lo a descobrir como a Palavra de Deus se aplica à sua vida hoje. Meditar em um texto bíblico e aplicá-lo no viver diário é parte vital do relacionamento do crente com Deus; a base de uma vida cristã abundante. +Veja Também: Baixar Bíblia de estudo Pentecostal em pdf Page 1 LANÇAMENTO EXCLUSIVO PREGADOR JOVEM RA Almeida Revista e Atualizada © 1999 Sociedade Bíblica do Brasil Tradução e adaptação, com acréscimos, da Santa Biblia Reina-Valera 1995: Edición de Estudio. Copyright © 1995 Sociedades Bíblicas Unidas. Texto Bíblico: Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição Copyright © 1993 Sociedade Bíblica do Brasil. SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL Av. Ceci, 706 – Tamboré Barueri, SP – CEP 06460-120 Cx. Postal 330 – CEP 06453-970 Ligue grátis: 0800-727-8888 Visite o nosso site na Internet: APRESENTAÇÃO Os cristãos de todos os tempos têm reconhecido que a Bíblia é um livro singular. A Bíblia é, ao mesmo tempo, o livro mais humano e divino de toda a literatura mundial. Por um lado, a Bíblia retrata o ser humano com todas as suas potencialidades e limitações, inclusive em sua degradação mais profunda. E ela faz isso através dos mais variados gêneros literários que a genialidade humana foi capaz de criar, desde a epopéia, a narrativa histórica e a dramaturgia até a poesia lírica e a literatura apocalíptica. Por outro lado, a Bíblia traz o testemunho de que é a palavra “inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça”, na qual temos “a vida eterna”, pois é ela que testifica do Salvador Jesus Cristo (2Tm 3.16; Jo 5.39; cf. vomagitimuronad.pdf Jo 20.30-31). Por isso mesmo, em todo o mundo, não pára de haver experiências pessoais em que a mera leitura ou audição da Bíblia leva o ser humano a confrontar-se com as suas limitações mais profundas e a perceber o amor de Deus, revelado em sua forma mais dramática na entrega de Jesus Cristo ao sofrimento e à morte. Com isso, acende-se nele a esperança num Deus que se compadece e perdoa, dando início a uma vida de mudança radical em relação aos que o cercam e que, ao final, ultrapassa os limites da morte. Isso acontece porque, pela ação poderosa do Espírito de Deus, “a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4.12; cf. Rm 15.4). Então, se é verdade que a Bíblia é tão clara, que, ao lê-la, uma pessoa pode experimentar a transformação de Deus em sua vida, por que é necessária uma Bíblia de Estudo? Com certeza, não há nada que substitua a leitura do próprio texto bíblico, pois nada que se possa falar a respeito de Deus é capaz de se igualar à palavra do próprio Deus, revelada na Bíblia. No entanto, a Bíblia também está cheia de exemplos em que o Espírito Santo usou certas pessoas como instrumentos para levar a mensagem de Deus para outras pessoas. Um desses exemplos está relatado em Atos dos Apóstolos, capítulo 8. Diz o texto que foi o Espírito que disse a Filipe para aproximar-se do carro em que o oficial de Candace, rainha dos etíopes, vinha lendo o livro de Isaías. Filipe se aproximou e lhe perguntou: “Compreendes o que vens lendo?” (At 8.30) E o oficial lhe respondeu: “Como poderei entender, se alguém não me explicar?” (At 8.31) Filipe, então, subiu no carro e mostrou-lhe que a passagem de Isaías que ele vinha lendo (Is 53.7-8) referia-se a Jesus (At 8.32-35). Portanto, por meio do auxílio de Filipe, o oficial etíope veio a conhecer Jesus e tornou-se um cristão (At 8.36-39). A Bíblia de Estudo Almeida visa ser exatamente isto: um auxílio para as pessoas poderem estudar a Bíblia, a fim de obterem uma compreensão mais ampla e profunda de sua mensagem e, assim, firmarem o seu relacionamento com Deus e se habilitarem a testemunhar com mais convicção e segurança a sua mensagem. Para atingir esse objetivo, a Bíblia de Estudo Almeida, como o próprio nome sugere, tem como base a tradução de João Ferreira de Almeida, edição Revista e Atualizada (RA), conforme a revisão de 1993. c crane cc pocket radio manual O texto da RA, por muito tempo, vem sendo um dos mais populares no Brasil, destacando-se pela fidelidade aos textos originais — hebraico, aramaico e grego — e pela nobreza de sua linguagem. As características dessa Bíblia já se firmaram como um padrão para os cristãos no Brasil.



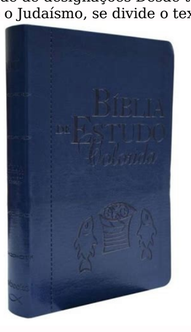
Firmada nesse texto, a Bíblia de Estudo Almeida traz uma série de recursos que, quando usados, sempre reverterão em crescimento. Para começar, há introduções gerais cf. conferir sobre a Bíblia, o Antigo e o Novo Testamento e as várias partes em que estes se dividem.



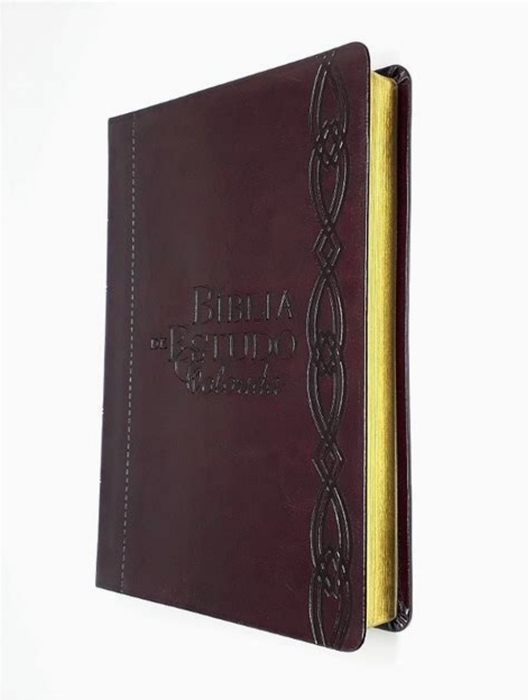
Cada livro bíblico também é precedido de uma introdução, que traz uma apresentação da sua mensagem e um esboço do seu conteúdo. Depois, o recurso que cai logo na vista, ao se abrir a Bíblia de Estudo Almeida em algum ponto, são as notas de estudo no rodapé. Grande parte dessas notas mostram o inter-relacionamento entre passagens bíblicas, tanto dentro de cada um dos Testamentos, como também entre o Antigo e o Novo Testamento. A percepção desse inter-relacionamento e sua assimilação é essencial para a compreensão plena da mensagem global das Escrituras Sagradas. Além desse tipo de notas, há aquelas que esclarecem o sentido original ou trazem traduções alternativas possíveis para um texto. E outras notas elucidam aspectos geográficos, históricos e culturais, mencionados ou aludidos no texto.
Estrategicamente distribuídos através de toda a Bíblia de Estudo Almeida, encontram-se ainda outros recursos extremamente valiosos. Estes estão inseridos como janelas em meio ao texto, a saber, tabelas temáticas e mapas. As tabelas, todas elas identificadas por um símbolo gráfico, tratam das Personagens Mais Proeminentes da Bíblia, dos Aspectos Culturais e Históricos, dos Povos e Impérios, dos Aspectos Religiosos e Teológicos, do Ministério de Jesus e dos Termos Teológicos Relevantes. Quanto aos mapas, sempre que um aspecto importante da geografia esteja relacionado ao texto bíblico, a Bíblia de Estudo Almeida traz um mapa, facilitando assim a compreensão do texto. Esses recursos, porém, também poderão ser pesquisados diretamente através dos índices colocados no início da Bíblia de Estudo Almeida. Por fim, a Bíblia de Estudo Almeida contém uma série de auxílios mais extensos. Estes estão colocados no final da Bíblia e são chamados de “Auxílios para o Leitor”. Há ali uma Concordância Temática, um Dicionário, um Guia Sinótico dos Evangelhos, uma Cronologia Bíblica e uma Tabela de Pesos, Moedas e Medidas. O material reunido nesses auxílios destina-se especialmente à realização de estudos sistemáticos de temas bíblicos.



A preparação de todos esses recursos teve a participação de muitas pessoas.
Como a Sociedade Bíblica do Brasil faz parte da fraternidade mundial chamada de Sociedades Bíblicas Unidas, ela valeu-se também do trabalho de biblistas ligados a essa fraternidade. Particularmente, a Bíblia de Estudo Almeida está fundamentada na Santa Biblia Reina-Valera 1995: Edición de Estudio, publicada pelas Sociedades Bíblicas Unidas. No entanto, a Bíblia de Estudo Almeida não é mera tradução desta Bíblia, pois, na preparação do material agora publicado em português, teve a participação de eminentes biblistas brasileiros. Portanto, a Bíblia de Estudo Almeida foi preparada por biblistas de diversas confissões cristãs, com ampla colaboração internacional. Em conclusão, resta rogar a Deus e desejar que todo leitor da Bíblia de Estudo Almeida, a exemplo do oficial etíope mencionado em Atos dos Apóstolos, ao se valer dos seus recursos, possa ser abençoado de tal maneira, que vá “seguindo o seu caminho, cheio de júbilo” (At 8.39). Barueri – SP, Páscoa de 1999 A BÍBLIA Bíblia é uma palavra de origem grega que significa “livros”. Daí que se deu o título Bíblia à coleção dos livros que, sendo de diversas origens, extensão e conteúdo, estão essencialmente unidos pelo significado religioso que têm para o povo de Israel e para todo o mundo cristão: unidade e diversidade que não se opõem entre si, mas que se complementam para dar à Bíblia o seu especialíssimo caráter. Diversidade de designações Desde tempos remotos, este livro sem igual tem sido conhecido com diferentes designações. Assim, os judeus, para os quais a Bíblia somente consta da parte que os cristãos conhecem como o Antigo Testamento, referem-se a ela como Lei, Profetas e Escritos (cf. Lc 24.44), termos representativos de cada um dos blocos em que, para o Judaísmo, se divide o texto bíblico transmitido na língua hebraica: (a) Lei (hebr. torah), que compreende os cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio (b) Profetas (hebr. where's wally colouring pages



nebiim), agrupados em: Profetas anteriores: Josué, Juízes, 1 e 2Samuel, 1 e 2Reis; Profetas posteriores: Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias (c) Escritos (hebr. ketubim): Jó, Salmos, Provérbios, Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, 1 e 2Crônicas O título referido, Lei, Profetas e Escritos, aparece reduzido em ocasiões como a Lei e os Profetas (cf. Mt 5.17) ou, de modo mais singelo, a Lei (cf. Jo 10.34). No Cristianismo, com a incorporação dos livros do Novo Testamento e justamente a partir da maneira que ali são citadas passagens do Antigo, é comum referir-se à Bíblia como as Sagradas Escrituras ou, de forma alternativa, como a Sagrada Escritura, as Escrituras ou a Escritura (cf. Mt 21.42; Jo 5.39; Rm 1.2). Freqüentemente, com essa última designação mais breve, faz-se referência a alguma passagem bíblica concreta (cf. Mc 12.10; Jo 19.24). As locuções Antigo Testamento e Novo Testamento, respectivamente, no seu sentido de títulos respectivos da primeira e da segunda parte da Bíblia, começaram a ser utilizadas entre os cristãos no final do séc. II d.C. com base em textos como 2Co 3.14. A palavra “testamento” representa aqui a aliança ou pacto que Deus estabelece com o seu povo: em primeiro lugar, a aliança com Israel (cf. Êx 24.8; Sl 106.45); depois, a nova aliança anunciada pelos profetas e selada com o sangue de Jesus Cristo (cf. Jr 31.31-34; Mt 26.28; Hb 10.29). Classificação dos livros da Bíblia Os livros da Bíblia nem sempre são classificados na mesma ordem. Ainda hoje aparecem dispostos de maneiras distintas, seguindo para isso os critérios sustentados a esse respeito por diferentes tradições.
A versão de João Ferreira de Almeida, em todas as suas edições, tem-se sujeitado à norma de ordenar os livros de acordo com o seu caráter e conteúdo, na seguinte forma: Antigo Testamento (a) Literatura histórico-narrativa: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, 1 e 2Samuel, 1 e 2Reis, 1 e 2Crônicas, Esdras, Neemias, Ester (b) Literatura poética e sapiencial (ou de sabedoria): Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos hebr. hebraico séc. século d.C. depois de Cristo (c) Literatura profética: Profetas maiores: Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel Profetas menores: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias Novo Testamento (a) Literatura histórico-narrativa: Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas, João Atos dos Apóstolos (b) Literatura epistolar: Epístolas paulinas: Romanos, 1 e 2Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2Tessalonicenses, 1 e 2Timóteo, Tito, Filemom Epístola aos Hebreus Epístolas universais: Tiago, 1 e 2Pedro, 1, 2 e 3João, Judas (c) Literatura apocalíptica: Apocalipse (ou Revelação) de João A formação da Bíblia Para compreender os distintos aspectos do processo de formação deste conjunto de livros que chamamos de Bíblia, é necessário atentar para o fato básico da sua divisão em duas grandes partes indissoluvelmente vinculadas entre si por razões culturais e espirituais: o Antigo Testamento e o Novo Testamento.



O Antigo Testamento recolhe e transmite a experiência religiosa do povo israelita desde as suas origens até a vinda de Jesus Cristo. Os livros que o compõem são o testemunho permanente da fé Israelita no único e verdadeiro Deus, Criador do universo. É o Deus que quis revelar-se de maneira especial na história do seu povo, guiando-o com a sua Lei, beneficiando-o com a aliança da sua graça e fazendo-o objeto das suas promessas. Passo a passo, Deus converteu o seu povo numa nação unida pela fé, sustentou-a e, em todo tempo, mostrou o caminho da justiça e santidade que devia seguir para que não perdesse a sua identidade como povo escolhido. Assim, o Antigo Testamento documenta a história de Israel desde a perspectiva do sentimento religioso, mantém viva a expressão de adoração da sua fé através do culto e recolhe as instruções dos seus profetas e as inspiradas reflexões dos seus sábios e poetas. O Novo Testamento é a referência definitiva da fé cristã. Nele, se encontram consignados os acontecimentos que deram origem à Igreja de Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus. two gentlemen of verona pdf Os Evangelhos narram o nascimento de Jesus no tempo do rei Herodes, os seus atos e ensinamentos, a sua morte numa cruz por ordem de Pôncio Pilatos, governador da Judéia, e a sua ressurreição, depois da qual manifestou-se vivo àqueles que havia antes escolhido para que anunciassem a mensagem universal da salvação.
Está também no Novo Testamento o relato dos primeiros movimentos de expansão da fé cristã, como viveram e atuaram os primeiros discípulos e apóstolos, como nasceram e se desenvolveram as primeiras comunidades e como o Espírito Santo impulsionou os cristãos de então a darem testemunho da sua esperança em Jesus Cristo para todas as raças, nações e culturas. O processo de redigir, selecionar e compilar os textos da Bíblia prolongou-se pelo espaço de muitos séculos.
Com o decorrer dos anos, foram desaparecendo os dados relativos à origem de grande parte dos livros, isto é, o momento em que os relatos e ensinamentos foram fixados por escrito, os quais até então e talvez durante muitas gerações tinham sido transmitidos oralmente. Por outro lado, nesse longo e complexo processo de formação, é muito difícil e até mesmo impossível fixar os autores. Isso ocorre especialmente nos casos em que foram vários redatores que escreveram textos, os quais, posteriormente, foram compilados num único livro ou quando também, na composição da literatura bíblica, são utilizados ou incluídos documentos da época (p. ex., Nm 21.14; Js 10.13; Jd 14-15). Valor religioso da Bíblia A Bíblia é, sem dúvida, um dos mais apreciados legados literários da humanidade. Contudo, o seu verdadeiro valor não se firma de maneira substancial no fato literário. A riqueza da Bíblia consiste no caráter essencialmente religioso da sua mensagem, que a transforma no livro sagrado por excelência, tanto para o povo de Israel quanto para a Igreja cristã. Nessa coleção de livros, a Lei se apresenta como uma ordenação divina (Êx 20; Sl 119), os Profetas têm a consciência de serem portadores de mensagens da parte de Deus (Is 6; Jr 1.2; Ez 2—3) e os Escritos ensinam que a verdadeira sabedoria encontra em Deus a sua origem (Pv 8.22-31). Esses valores religiosos aparecem não só no título de Sagradas Escrituras, mas também na forma que Jesus e, em geral, os autores do Novo Testamento se referem ao Antigo, isto é, aos textos bíblicos escritos em épocas precedentes. Isso ocorre, p. ex., quando lemos que Deus fala por meio dos profetas ou por meio de algum dos outros livros (cf. rovivatidetajifipuzaxod.pdf Mt 1.22; 2.15; Rm 1.2; 1Co 9.9) ou quando os profetas aparecem como aquelas pessoas mediante as quais “se diz” algo ou “se anuncia” algum acontecimento, forma hebraica de expressar que é o próprio Deus quem diz ou anuncia (cf. Mt 2.17; 3.3; 4.14); também quando se afirma a permanente autoridade das Escrituras (Mt 5.17- 18; Jo 10.35; At 23.5), ou quando as relaciona especialmente com a ação do Espírito Santo (cf. At 1.16; 28.25). Formas magistrais de expressar a convicção comum a todos os cristãos em relação ao valor das Escrituras são encontradas em passagens como 2Tm 3.15-17 e 2Pe 1.19-21. A Igreja cristã, desde as suas origens, tem descoberto na mensagem do evangelho o mesmo valor da palavra de Deus e a mesma autoridade do Antigo Testamento (Mc 16.15-16; Lc 1.1-4; Jo 20.31; 1Ts 2.13). Por isso, em 2Pe 3.16, se equiparam as epístolas de “nosso amado irmão Paulo” (v. 15) às “demais Escrituras”. Gradativamente, a partir do séc. II d.C., foi sendo reconhecida aos 27 livros que formam o Novo Testamento a sua categoria de livros sagrados e, em conseqüência, a plenitude da sua autoridade definitiva e o seu valor religioso. rofedemupama.pdf Tal reconhecimento, que implica o próprio tempo da presença, direção e inspiração do Espírito Santo na formação das Escrituras, não descarta, em absoluto, a atividade física e criativa das pessoas que redigiram os textos. Elas mesmas se referem a essa atividade em diversas ocasiões (Ec 1.13; Lc 1.1-4; 1Co 15.1-3,11; Gl 6.11). A presença de numerosos autores materiais é, precisamente, a causa da extraordinária riqueza de línguas, estilos, gêneros literários, conceitos culturais e reflexões teológicas que caracterizam a Bíblia. ANTIGO TESTAMENTO TEXTO E FORMA Antigo Testamento é o nome dado, desde os primórdios do Cristianismo, às escrituras sagradas do povo de Israel, formadas por um conjunto de livros muito diferentes uns dos outros em caráter e gênero literário e pertencentes a diversas épocas e autores. p. por exemplo v. versículo O Antigo Testamento ocupa, sem dúvida, um lugar preeminente no quadro geral da importante literatura surgida no Antigo Oriente Médio. No decorrer da sua longa história, egípcios, sumérios, assírios, babilônicos, fenícios, hititas, persas e outros povos da região produziram um importante tesouro de obras literárias; porém nenhuma delas se compara ao Antigo Testamento quanto à riqueza dos temas e beleza de expressão e, muito menos, quanto ao valor religioso. Os gêneros literários do Antigo Testamento Em termos gerais, todos os escritos do Antigo Testamento podem ser incluídos em um ou outro dos dois grandes gêneros literários que são a prosa e a poesia; em tudo, uma segunda aproximação permite apreciar a grande diversidade de classes e estilos que, muitas vezes misturados entre si, configuram ambos os gêneros. Quanto à prosa, é o gênero no qual estão escritos textos como os seguintes: (a) relatos históricos, presentes sobretudo nos livros de caráter narrativo e que, a partir de Abraão (Gn 11.27—25.11), referem-se ou diretamente ao povo de Israel e aos seus personagens mais significativos ou indiretamente aos povos e nações cuja história está relacionada muito de perto com Israel; (b) o relato de Gn 1—3 sobre as origens do mundo e da humanidade, o qual, do ponto de vista literário, merece referência à parte; (c) passagens especiais (p. how to make the r sound in english ex., a história dos patriarcas), narrações épicas (p. actividades para niños de preescolar inicio de clases ex., o êxodo do Egito e a conquista de Canaã), quadros familiares (p. ex., o livro de Rute), profecias (em parte), visões, crônicas oficiais, diálogos, discursos, instruções, exortações e genealogias; (d) textos legais e normas de conduta e regulamentação da prática religiosa coletiva e pessoal. Quanto à poesia, o Antigo Testamento oferece vários modelos literários, que podem ser resumidos em: (a) cúlticos (p. ex., Salmos e Lamentações); (b) proféticos (uma parte muito importante dos textos dos profetas de Israel); (c) sapienciais, os quais recolhem reflexões e ensinamentos relativos à vida diária (Provérbios e Eclesiastes) ou que giram em torno de algum problema de caráter teológico (Jó). Autores e tradição De acordo com a sua origem, os livros do Antigo Testamento podem ser classificados em dois grandes grupos. O primeiro é formado pelos escritos que deixam transparecer a atividade criadora do autor e parecem ser marcados pelo selo da sua personalidade. Tal é o caso de boa parte dos textos proféticos, cuja mensagem inicial foi, às vezes, ampliada, chegando, posteriormente, ao seu pleno desenvolvimento em âmbitos onde a inspiração do profeta original se deixava sentir com intensidade. No segundo grupo são incluídos os livros nos quais, não tendo permanecido marcas próprias do autor, foram as tradições que se encarregaram de transmitir a mensagem preservada pelo povo, proclamando-a e aplicando-a às circunstâncias próprias de cada tempo novo. A esse grupo pertence uma boa parte da narrativa histórica e da literatura cúltica e sapiencial. Transmissão do texto A passagem da tradição oral para a escrita chega ao Antigo Testamento num tempo em que o papiro e o pergaminho já estavam em uso como materiais de escrita. Deles se faziam longas tiras que, convenientemente unidas, formavam os chamados “rolos”, uma espécie de cilindros de peso e volume às vezes consideráveis. Assim, chegaram até nós os textos do Antigo Testamento (cf. subject object possessive pronouns worksheets pdf Jr 36), ainda que não nos seus manuscritos hebraicos originais, porque com o tempo todos desapareceram, mas graças à grande quantidade de cópias feitas ao longo de muitos séculos. Dentre elas, as mais antigas que temos pertencem ao séc. I a.C. Foram descobertas em lugares como Qumran, a oeste do mar Morto, algumas em muito bom estado de conservação e outras, muito deterioradas e reduzidas a fragmentos. Das cópias que contêm o texto integral da Bíblia Hebraica, a mais antiga é o Códice de Alepo, que data do séc. X d.C. e é o reflexo da tradição tiberiense. O sistema alfabético utilizado nos primitivos manuscritos hebraicos carecia de vogais: na sua época e de acordo com um uso comum de diversas línguas semíticas, somente as consoantes tinham representação gráfica. Essa peculiaridade era, obviamente, uma fonte de sérios problemas de leitura e interpretação dos escritos bíblicos, cuja unificação realizaram os especialistas judeus do final do séc. I d.C. O trabalho daqueles sábios foi favorecido na última parte do séc. V a.C. pelo desenvolvimento, sobretudo em Tiberíades e Babilônia, de um sistema de leitura que culminou entre os séculos VIII e XI d.C. com a composição do texto chamado “massorético”. chemistry visualizing the limiting reactant worksheet Nele, fruto do intenso trabalho realizado pelos “massoretas” (ou “transmissores da tradição”), ficou definitivamente fixada a leitura da Bíblia Hebraica através de um complicado conjunto de sinais vocálicos e entonação. Apesar do excelente cuidado que os copistas tiveram para fazer e conservar as cópias do texto bíblico, nem sempre puderam evitar que aqui e ali fossem introduzidas pequenas variantes na escrita. Por isso, a fim de descobrir e avaliar tais variantes, o estudo dos antigos manuscritos implica uma minuciosa tarefa de comparação de textos, não somente entre umas ou outras cópias hebraicas, mas também em antigas traduções para outras línguas: o texto samaritano do Pentateuco (escrita samaritana); as versões gregas, especialmente a LXX (feita em Alexandria entre os séculos III e II a.C. e utilizada freqüentemente pelos escritores do Novo Testamento); as aramaicas (os targumim, versões parafrásticas); as latinas, em especial a Vulgata; as siríacas, as coptas ou a armênia.
Os resultados desse trabalho de fixação do texto se encontram sintetizados nas edições críticas da Bíblia Hebraica. OS LIVROS DA BÍBLIA HEBRAICA, DO ANTIGO TESTAMENTO E DA BÍBLIA GREGA (LXX) Bíblia Hebraica Antigo Testamento Bíblia Grega (LXX) Pentateuco Pentateuco Gênesis Gênesis Gênesis Êxodo Êxodo Êxodo Levítico Levítico Levítico Números a.C. antes de Cristo LXX Setenta (a Septuaginta, versão grega do AT Números Números Deuteronômio Deuteronômio Deuteronômio Josué Juízes Profetas anteriores Históricos Rute Josué Josué Sobre os Reinos 1–2 (1–2Samuel) Juízes Juízes Sobre os Reinos 3–4 (1–2Reis) 1–2Samuel Rute Paralelipómenos (1–2Crônicas) 1–2Reis 1–2Samuel Esdras 1 (pseudepígrafo) 1–2Reis Esdras 2 (Esdras-Neemias) Profetas posteriores 1–2Crônicas Ester (com fragmentos gregos) Isaías Esdras Judite (apócrifo) Jeremias Neemias Tobias (apócrifo) Ezequiel Ester Macabeus 1–2 (apócrifos) Os doze: Poéticos Macabeus 3–4 (pseudepígrafos) Oséias Jó Salmos e Odes (Odes: pseudepígrafo) Joel Salmos Provérbios Amós Provérbios Eclesiastes Obadias Eclesiastes Cântico dos Cânticos Jonas Cântico dos Cânticos Jó Miquéias Sabedoria de Salomão (apócrifo) Naum Proféticos Sirácida (=Eclesiástico: apócrifo) Habacuque Isaías Salmos de Salomão (pseudepígrafo) Sofonias Jeremias Oséias Ageu Lamentações Amós Zacarias Ezequiel Miquéias Malaquias Daniel Joel Oséias Obadias Escritos Joel Jonas Salmos Amós Naum Jó Obadias Habacuque Provérbios Jonas Sofonias Rute Miquéias Ageu Cântico dos Cânticos Naum Zacarias Eclesiastes Habacuque Malaquias Ester Sofonias Isaías Lamentações Ageu Jeremias (inclui Lamentações, Baruque e Carta de Jeremias. Os dois últimos são apócrifos). Daniel Zacarias Esdras Malaquias Neemias Ezequiel 1–2 Crônicas Daniel (com adições apócrifas: 3.24-90; 13 e 14).
Ver também a tabela Livros apócrifos e pseudepígrafos GEOGRAFIA E RELIGIÃO A Palestina do Antigo Testamento A região onde se desenrolaram os acontecimentos mais importantes registrados no Antigo Testamento está situada na zona imediatamente a leste da bacia do Mediterrâneo. O nome mais antigo dela registrado na Bíblia é “terra de Canaã” (Gn 11.31), substituído posteriormente, entre os israelitas, por “terra de Israel” (1Sm 13.19; Ez 11.17; Mt 2.20). Os gregos e romanos preferiram chamá-la de “Palestina”, termo derivado do apelativo “filisteu”, pelo qual era conhecido o povo que habitava a costa do Mediterrâneo. No tempo em que o Império Romano dominou o país, pelo menos uma região deste recebeu o nome de “Judéia”. Durante a maior parte do período monárquico (931-586 a.C.), a terra de Israel esteve dividida em duas: ao sul, o reino de Judá, sendo Jerusalém sua capital; e ao norte, o reino de Israel, tendo a cidade de Samaria como capital. As grandes diferenças políticas que separavam ambos os reinos aumentaram ainda mais quando, em 721 a.C., o reino do Norte foi conquistado pelo exército assírio.
O território palestino é formado por três grandes faixas paralelas que se estendem do Norte ao Sul. starfall calendar december 2025 A ocidental, uma planície banhada pelo Mediterrâneo, estreita-se em direção ao Norte, na Galiléia, e depois fica cercada pelo monte Carmelo. muzeb.pdf
Nessa planície se encontravam as antigas cidades de Gaza, Asquelom, Asdode e Jope (atualmente um subúrbio de Tel Aviv) e a Cesaréia romana, de construção mais recente.
A faixa central é formada por uma série de montanhas que, desde o Norte, como que se desprendendo da cordilheira do Líbano, descem paralelas pela costa até penetrar no Sul, no deserto de Neguebe. O vale de Jezreel (ou de Esdrelom), entre a Galiléia e Samaria, cortava a cadeia montanhosa, cujas duas alturas máximas estão uma (1.208 m) na Galiléia e a outra (1.020 m), na Judéia. Nessa faixa central do país, encontra-se a cidade de Jerusalém (cerca de 800 m acima do nível do mar) e outras importantes da Judéia, Samaria e Galiléia. A oriente da região montanhosa serpenteia o rio Jordão, o maior rio da Palestina, o qual nasce ao norte da Galiléia, no monte Hermom, e caminha em direção ao sul ao longo de 300 km, (pouco mais de 100 km, em linha reta). No seu curso, atravessa o lago Merom e depois o mar ou lago da Galiléia (ou ainda “mar de Tiberíades”) e corre por uma depressão que se torna cada vez mais profunda, até desembocar no mar Morto, a 392 m abaixo do nível do Mediterrâneo. Mais além da depressão do Jordão, no seu lado oriental, o terreno torna a elevar-se. Sobretudo na região norte há cumes importantes, como, já fora da Palestina, o monte Hermom, com até 2.758 m de altura. A Palestina é predominantemente seca, desértica em extensas regiões do Leste e Sul do país, com montanhas muito pedregosas e poucos espaços com condições favoráveis m metro(s) km quilômetro(s) para o cultivo. Os terrenos férteis, próprios para a agricultura, encontram-se, sobretudo, na planície de Jezreel, ao norte, no vale do Jordão e nas terras baixas que, ao ocidente, acompanham a costa. 44735453226.pdf As altas temperaturas predominantes se atenuam nas partes elevadas, onde as noites podem chegar a ser frias. As duas estações mais importantes são o inverno e o verão (cf. Gn 8.22; Mt 24.20,32), mas, quanto ao clima, o essencial para os trabalhos agrícolas é a regularidade na chegada das chuvas: as temporãs (entre outubro e novembro) e as serôdias (entre dezembro e janeiro). Armazena-se, então, a água em algibes (ou cisternas), para poder tê-la durante os outros meses do ano. Valorização religiosa do Antigo Testamento No Antigo Testamento, como em toda a Bíblia, é reconhecida, em sua origem, uma autêntica experiência religiosa. Deus se revelou ao povo de Israel na realidade da sua história e fez isso como o único Deus, Criador e Senhor do universo e da história, não se assemelhando a nenhuma outra experiência humana, nem identificando-se com alguma imagem feita pelos homens. Deus é o Autor da vida, o Criador da existência de todos os seres; e é um Deus salvador, que está sempre ao lado do seu povo, mas que não se deixa manipular por ele; que impõe obrigações morais e sociais, que não se deixa subornar, que protege os fracos e ama a justiça. É um Deus que se achega ao povo, especialmente no culto; um Deus perdoador, que quer que o pecador viva, porém julga com justiça e castiga a maldade. As idéias e a linguagem do Antigo Testamento transparecem nos escritos do Novo Testamento, em cujo pano de fundo está sempre presente o Deus do Antigo Testamento, o Pai de Jesus Cristo, em quem é revelado, definitivamente, o seu amor e a sua vontade salvadora para todo aquele que o recebe pela fé. O Antigo Testamento dá especial atenção ao relacionamento de Deus com Israel, o seu povo escolhido. Um dos mais importantes aspectos desse relacionamento é a Aliança com Israel, mediante a qual Javé se compromete a ser o Deus daquele povo que tomou como a sua possessão particular e dele exige o cumprimento religioso dos mandamentos e das leis divinas. Assim, a fé comum, as celebrações cúlticas e a observância da Lei são os elementos que configuram a unidade de Israel, uma unidade que se rompe quando se torna infiel ao Deus ao qual pertence. A história de Israel como povo escolhido revela que o mais importante é manter a sua identidade religiosa em meio ao mundo ao seu redor, passo necessário que será dado em direção à mensagem universal que depois, em Jesus Cristo, será proclamada pelo Novo Testamento. Nem todos os aspectos do Antigo Testamento mantêm igual vigência para o cristão. O Antigo Testamento deve ser interpretado à luz da sua máxima instância, que é Jesus Cristo.
A projeção histórica e profética do povo de Israel no Antigo Testamento é uma etapa precursora no caminho que conduz à plena revelação divina em Cristo (Hb 1.1-2). Por outro lado, o Novo Testamento é o testemunho de fé de que as promessas feitas por Deus a Israel são cumpridas com a vinda do Messias (cf., p. ex., Mt 1.23; Lc 3.4-6; At 2.16-21; Rm 15.9-12). Por isso, certas instruções absolutamente válidas para o povo judeu deixam de ser igualmente vigentes para o novo povo de Deus, que é a Igreja (cf. At 15; Gl 3.23-29; Cl 2.16-17; Hb 7.11—10.18); e alguns aspectos da lei de Moisés, do culto do Antigo Testamento e da doutrina sobre o destino do ser humano, pessoal e comunitariamente considerado, devem ser interpretados à luz do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus.
HISTÓRIA E CULTURA A existência de Israel como povo remonta, provavelmente, ao último período do séc. XI a.C. Era o tempo do nascimento da monarquia e da unificação das diversas tribos, que viviam separadas entre si até que, sob o governo do rei Davi, constituiu-se o Estado nacional, com Jerusalém por capital. Até chegar a esse momento, a formação do povo havia sido lenta e difícil, mesclada freqüentemente com a história das mais antigas civilizações que floresceram no Egito, às margens do Nilo e na Mesopotâmia, nas terras regadas pelo Tigre e o Eufrates. As fontes extrabíblicas da história de Israel naquela época são muito limitadas, carentes da base documental necessária para se estabelecerem com precisão as origens do povo hebreu. Nesse aspecto, o livro de Gênesis proporciona alguns dados de valor inestimável, pois o estudo dos relatos patriarcais permite descobrir alguns aspectos fundamentais da origem do povo israelita. A época dos patriarcas Os personagens do Antigo Testamento, habitualmente denominadas “patriarcas”, eram chefes de grupos familiares seminômades que iam de um lugar a outro em busca de comida e água para os seus rebanhos. Não havendo chegado ainda à fase cultural do sedentarismo e dos trabalhos agrícolas, os seus assentamentos eram, em geral, eventuais: duravam o tempo em que os seus gados demoravam para consumir os pastos. Gênesis oferece uma visão particular do começo da história de Israel, que é mais propriamente a história de uma família. Procedentes da cidade mesopotâmica de Ur dos caldeus, situada junto ao Eufrates, Abraão e a sua esposa chegaram ao país de Canaã. Deus havia prometido a Abraão que faria dele uma grande nação (Gn 12.1-3; cf. 15.1-21; 17.1-4); e, conforme essa promessa, nasceu o seu filho Isaque, que, por sua vez, foi o pai de Jacó. Durante a sua longa viagem, primeiro na direção norte e depois na direção sul, Abraão deteve-se em diversos lugares mencionados na Bíblia: Harã, Siquém, Ai e Betel (Gn 11.31—12.9); atravessou a região desértica do Neguebe e chegou até o Egito, de onde, mais tarde, regressou para, finalmente, estabelecer-se em um lugar conhecido como “os carvalhais de Manre”, junto a Hebrom (Gn 13.1-3,18). Ao morrer Abraão (Gn 25.7-11; cf.
23.2,17-20), Isaque converte-se no protagonista do relato bíblico, que o apresenta como habitante de Gerar e Berseba (Gn 26.6,23), lugares do Neguebe (Gn 24.62), na região meridional da Palestina. Isaque, herdeiro das promessas de Deus a Abraão, aparece no meio de um quadro descritivo da vida seminômade do segundo milênio a.C.: busca de campos de pastoreio, assentamentos provisórios, ocasionais trabalhos agrícolas nos limites de povoados fronteiriços e discussões por causa dos poços de água onde se dava de beber ao gado (Gn 26). Depois de Isaque, a atenção do relato concentra-se nos conflitos pessoais surgidos entre Jacó e o seu irmão Esaú, que são como que uma visão antecipada dos graves problemas que, posteriormente, haveriam de acontecer entre os israelitas, descendentes de Jacó, e os edomitas, descendentes de Esaú. A história de Jacó é mais longa e complicada que as anteriores. astm e165 pdf Consta de uma série de relatos entrelaçados: a fuga do patriarca para a região mesopotâmica de Padã-Arã; a inteligência e a riqueza de Jacó; o regresso a Canaã; o episódio de Peniel, onde Deus mudou o nome de Jacó para Israel (Gn 32.28); a revelação de Deus e a renovação das suas promessas (Gn 35.1-15); a história de José e a morte de Jacó no Egito (Gn 37.1—50.14). A saída do Egito A situação política e social das tribos israelitas, do Egito e dos países do Oriente Médio, no período que vai da morte de José à época de Moisés, sofreu mudanças consideráveis. O Egito viveu um tempo de prosperidade depois de expulsar do país os invasores hicsos. 50169723747.pdf Este povo oriundo da Mesopotâmia, depois de passar por Canaã, havia se apropriado, no início do séc. XVIII a.C., da fértil região egípcia do delta do Nilo. Os hicsos dominaram no Egito cerca de um século e meio, e, provavelmente, foi nesse tempo que Jacó se instalou ali com toda a sua família. Esta poderia ser a explicação da acolhida favorável que foi dispensada ao patriarca, e de que alguns dos seus descendentes, como aconteceu com José (Gn 41.37-43), chegaram a ocupar postos importantes no governo do país. A situação mudou quando os hicsos foram finalmente expulsos do Egito. Os estrangeiros residentes, entre os quais encontravam-se os israelitas, foram submetidos a uma dura opressão. Essa mudança na situação política está registrada em Êx 1.8, que diz que subiu ao trono do Egito um novo rei “que não conhecera a José.” Durante o mandato daquele faraó, os israelitas foram obrigados a trabalhar em condições subumanas na edificação das cidades egípcias de Pitom e Ramessés (Êx 1.11). Porém, em tais circunstâncias, teve lugar um acontecimento que haveria de permanecer gravado, para sempre, nos anais de Israel: Deus levantou um homem, Moisés, para constituí-lo libertador do seu povo. Moisés, apesar de hebreu por nascimento, recebeu uma educação esmerada na própria corte do faraó.
Certo dia, Moisés viu-se obrigado a fugir para o deserto, e ali Javé (nome explicado em Êx 3.14 como “EU SOU O QUE SOU”) revelou-se a ele e lhe deu a missão de libertar os israelitas da escravidão a que estavam submetidos no Egito (Êx 3.1—4.17). Regressou Moisés ao Egito e, depois de vencer com palavras e ações maravilhosas a resistência do faraó, conseguiu que a multidão dos israelitas se colocasse em marcha em direção ao deserto do Sinai. Esse capítulo da história de Israel, a libertação do jugo egípcio, marcou indelevelmente a vida e a religião do povo. A data precisa desse acontecimento não pode ser determinada. Têm-se sugerido duas possibilidades: até meados do séc. XV e até meados do séc.
XIII. (Neste último caso seria durante o reinado de Ramsés II ou do seu filho Meneptá.). Durante os anos de permanência no deserto do Sinai, enquanto os israelitas dirigiam-se para Canaã, produziu-se um acontecimento de importância capital: Deus instituiu a sua Aliança com o seu povo escolhido (Êx 19). Essa Aliança significou o estabelecimento de um relacionamento singular entre Javé e Israel, com estipulações fundamentais que ficaram fixadas na lei mosaica, cuja síntese é o Decálogo (Êx 20.1- 17). A conquista de Canaã e o período dos juízes Depois da morte de Moisés (Dt 34), a direção do povo foi colocada nas mãos de Josué, a quem coube guiá-lo ao país de Canaã, a Terra Prometida. A entrada naqueles territórios iniciou-se com a passagem do Jordão, fato de grande significação histórica, porque com ela inaugurava-se um período decisivo para a constituição da futura nação israelita (Js 1—3). Conquistar e assentar-se em Canaã não se tornou empresa fácil. 91591576684.pdf Foi um longo e duro processo (cf. Jz 1), às vezes, de avanço pacífico, mas, às vezes, de inflamados choques com os hostis povos cananeus (cf. Jz 4—5), formados por populações diferentes entre si, ainda que todas pertencentes ao comum tronco semítico; muitas delas terminaram absorvidas por Israel (cf. Js 9). Naquele tempo da chegada e conquista de Canaã, os grandes impérios do Egito e da Mesopotâmia já haviam iniciado a sua decadência. Destes eram vassalos os pequenos Estados cananeus, de economia agrícola e cuja administração política limitava-se, geralmente, a uma cidade de relativa importância nos limites das suas terras. Em relação à religião, caracterizava-se sobretudo pelos ritos em honra a Baal, Aserá e Astarote, e a deuses secundários, geralmente divindades da fecundidade.